

Autor



Andrés Rodríguez Ibarra

Andrés Rodríguez Ibarra nasceu no Chile em 1966 e se mudou para o Brasil quando tinha 7 anos de idade. Mora em Brasília desde então, onde exerce a função de Consultor Técnico-Legislativo (Sociólogo) na Câmara Legislativa do DF. Formou-se Bacharel em Sociologia pela UnB em 1988 e em Antropologia em 1989, pela mesma instituição. Em 1992 concluiu um Mestrado em Sociologia na UnB com uma dissertação sobre a procura pelo esotérico em Brasília. Em 2003, ingressou no Departamento de Filosofia da USP para realizar o seu doutoramento, que concluiu em 2008, com a defesa de uma tese sobre a noção de liberdade em Michel Foucault. Sua descoberta da obra desse filósofo francês se deu ainda na graduação por meio da professora Maria Angélica Madeira e o seu ingresso no doutorado, quase vinte anos depois, sob o patrocínio do professor Renato Janine Ribeiro.

Uma relação sempre atual: A liberdade recalcitrante de Michel Foucault

No início dos anos 1960, na França, um jovem filósofo publica seu primeiro livro, como parte das obrigações do seu doutoramento, e dá início a um dos mais ricos percursos ocorridos nessa área, nesse século. Trata-se de Michel Foucault e de *A história da loucura*, que inauguram um procedimento inédito, contrapondo-se fundamentalmente à fenomenologia sartriana, com a sua ênfase no sujeito e na liberdade deste.

Foucault apresenta as epistemes e suas rupturas, que evidenciam o quanto o sujeito, trans-histórico, é uma construção; e a análise discursiva, que, ao pôr o foco na linguagem, nas regras de enunciação daquilo que historicamente foi dito, e não no quanto há de verdade no que foi dito, elimina qualquer tematização de uma liberdade.

Essa metodologia se aperfeiçoou nos trabalhos seguintes do autor e acabou por lhe dar a capacidade de rever toda a concepção daquilo que seria o papel do intelectual na sociedade, inclusive lançando um questionamento a respeito de como o tipo mais comum, o que se concebe, à la Sartre, como a "consciência das massas", acaba por se tornar uma peça chave nas estratégias que visam à manutenção de estruturas de poder.

São precisamente essas estruturas que se tornam o objeto da atenção desse pensador e é, então que, novamente, surge algo original, quando se passa a evidenciar o poder não no que ele tem de "verdade", mas no seu exercício, cotidiano, capilar, no que ele tem de "jogo", enfim.

Existem tecnologias de poder, que podem ser descritas; logo, é possível se pensar em novas tecnologias, outras tecnologias. Eis que, então, no fim dos anos 1970, reaparece na obra desse pensador este conceito que havia sido tão combatido na juventude: a liberdade, com o seu irmão siamês, o sujeito. A liberdade ressurge, entretanto, sem capitulações, somente como a coroação de um percurso que sempre foi político até a medula.

O presente livro é o relato da destilação, lenta, dolorosa e, por vezes, errática, de um conceito por parte de um dos principais pensadores do Século XX; e uma tentativa de mostrar como esse pensador, tendo-a conseguido, encontrou seu lugar no olimpo da filosofia, fez as pazes com essa disciplina, encontrou a si mesmo, depois de ter, inclusive, corrido o sério risco de se perder, ao ter concebido a noção de biopoder, um outro conceito que ele mesmo criou.



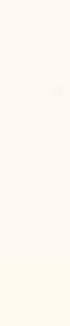
Andrés Rodríguez Ibarra

Uma relação sempre atual:
A liberdade recalcitrante de Michel Foucault



Uma relação sempre atual: A liberdade recalcitrante de Michel Foucault

Andrés Rodríguez Ibarra

 EDITORA CRV

1ª edição

Uma relação sempre atual:
A liberdade recalcitrante de
Michel Foucault

Numa nota fúnebre escrita em 1979 por ocasião da morte de seu amigo Maurice Clavel, Michel Foucault dizia: "como todo bom filósofo, aquilo com o que ele mexia era a liberdade". Era esse um momento na obra desse filósofo em que o tema da liberdade, que ele havia combatido tão arduamente na sua juventude através do seu método denominado de Arqueologia do Saber, ressurgia com uma força inesperada, mas sem capitulações quanto a posições antes assumidas.

Este livro é o relato das etapas que levaram esse pensador a essa transformação e que o colocaram em condição de dialogar não mais somente com os seus contemporâneos – o seu embate inicial era com a fenomenologia sartriana – mas com gigantes filosóficos da estatura de Kant e Platão, bem como com as mais recentes descobertas da etnologia e da psicanálise. É um relato de como aquilo que ele disse do seu amigo poderia justamente ser dito a seu respeito.